

Google, Microsoft e Yahoo! acusados de violação dos direitos humanos

A cooperação com os sistemas de censura na China levou a Amnistia Internacional a acusar três nomes sonantes das tecnologias norte-americanas de violação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Google, Microsoft e Yahoo são as companhias acusadas pelo mais recente relatório da Amnistia Internacional (AI).

O relatório da AI, que foi apresentado hoje, refere que «as três companhias demonstraram desrespeito pelas suas próprias regras e políticas internas. Fizeram promessas... que deliberadamente não cumpriram, para poderem tirar partido das oportunidades de negócio e escaparem à pressão do governo chinês».

Segundo a AI, as três companhias estão a violar o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (que determina que todos os cidadãos do mundo têm direito à liberdade de expressão), ao cooperarem com o Governo Chinês em práticas de censura.

Ainda assim, a AI reconhece que, em casos pontuais, as três companhias norte-americanas têm tomado medidas de resistência à pressão de Pequim.

A recusa do Google em fornecer caixas de correio electrónico para o mercado chinês por recear que a confidencialidade não esteja garantida, e o pedido de ajuda do Yahoo! ao governo norte-americano com vista à defesa da liberdade de expressão das empresas de multimédia que se instalam na China são alguns dos casos elogiados pela AI.

Google e Microsoft não comentaram o relatório da AI.

Pelo contrário, responsáveis do Yahoo! ouvidos pela *Reuters* lembraram que a presença do portal no mercado chinês, ainda que sujeita a restrições, pode contribuir para evolução das mentalidades.20-07-2006

Amnistia Internacional lançou desde ontem

Campanha contra repressão

As petições online serão recolhidas e apresentadas numa reunião-chave das Nações Unidas sobre o futuro da Internet em Novembro de 2006.

Resultante do sucesso do lançamento da sua campanha pela liberdade na Internet que teve lugar no Reino Unido, a Amnistia Internacional esteve ontem a lançar, a nível global, esta campanha, com o site irrepressible.info. A campanha augura reclamar de volta à Internet a sua força de mudança, face a uma atitude crescente por parte das companhias de tecnologia em incentivar a censura e a repressão.

Do Irão às Maldivas e de Cuba ao Vietname, os governos estão a repreender os indivíduos que usam a Internet como forma de expressão, e a negar aos seus cidadãos o acesso à sua informação. Os utilizadores da “net” estão a ser presos, cibercafés a ser fechados, salas de chat

são policiadas e blogs apagados. Sítios de Internet são bloqueados, notícias estrangeiras banidas, e motores de busca filtram resultados em matérias sensíveis.

"A Internet pode ser uma grande ferramenta para a promoção dos direitos humanos - os activistas podem mostrar ao mundo os abusos levados a cabo no seu país com um simples clique do rato. As pessoas têm acesso sem precedentes à informação através da mais vasta rede de fontes" afirma a Amnistia Internacional.

"Mas o potencial da Internet está a ser minado por governos não dispostos a tolerar este escape de comunicação livre, e por empresas dispostas a ajudá-los a reprimir a liberdade de expressão." A Sun Microsystems, a Nortel Networks, a Cisco Systems, o Yahoo! e o Google, estão entre as empresas implicadas na ajuda a governos na censura da Internet ou na localização de utilizadores individuais.

"Estamos a apelar aos utilizadores da Internet de todo o mundo para acederem ao sítio <http://irrepressible.info> e assinarem uma petição que urge todos os governos e empresas a respeitar a liberdade do cibernauta", declara a Amnistia Internacional. "Empresas de Internet muitas vezes afirmam ser eticamente responsáveis — estas petições irão tornar pública a sua cooperação na repressão, fazendo delas cúmplices em abusos de direitos humanos e afectando a sua credibilidade."

Microsoft, Google e Yahoo! ferem direitos na China, diz Anistia

Folha Online / UOL Economia, Último Segundo
da **France Presse**, em Londres

A Anistia Internacional denunciou nesta quinta-feira o que chamou de "conluio" dos gigantes Yahoo!, Google e Microsoft com as autoridades chinesas que, segundo a ONG com sede em Londres, levanta a questão da "colaboração" destas empresas com as violações dos direitos humanos.

"Na China, a Microsoft, o Google e o Yahoo! ajudam o governo a reprimir as liberdades fundamentais", escreve a organização de defesa dos direitos humanos em seu relatório "O Ataque da Liberdade de Expressão na China, o papel da Yahoo!, Microsoft et Google".

"As três companhias facilitaram ou foram coniventes de uma maneira ou de outra com a prática da censura na China", escreve a Anistia. "O Yahoo! repassou às autoridades chinesas informações privadas e confidenciais sobre seus usuários, fornecendo dados pessoais que foram utilizados para condenar pelos menos dois jornalistas", continua.

A Microsoft "admitiu ter fechado um blog a pedido do governo", e o Google, lembra a Anistia, lançou na China uma versão censurada de sua ferramenta internacional de busca.

Segundo a Anistia, as ações do Yahoo!, em particular, "tiveram graves conseqüências para as pessoas atingidas, entre elas pelo menos duas foram condenadas a longas penas de prisão".

"Isso é uma violação dos princípios amplamente reconhecidos sobre os direitos humanos", denuncia a Anistia, cujo relatório sobre os três gigantes da internet na China é parte de uma campanha internacional contra a repressão na internet.

"Eles afirmam que obedecem às leis locais, eles se curvam diante da pressão política", disse a diretora da Anistia no Reino Unido, Kate Allen. Segundo a Anistia, os três gigantes da internet "facilitam a censura do governo".

De um modo geral, os requerimentos enviados pelos governos a essas empresas "levantam a questão da colaboração destas empresas para as violações dos direitos humanos cometidas por esses Estados", acrescenta a entidade.

Nesse sentido, a ONG publica oito recomendações destinadas ao Yahoo!, Microsoft, Google e outras empresas relacionadas à internet na China. A organização pede, sobretudo "que sejam transparentes em seus procedimentos [...] tornando públicas as palavras e frases que são filtradas, e como essas palavras são escolhidas".

Segundo a nova campanha da Anistia, um número cada vez maior de medidas vem sendo adotado no mundo para restringir o uso da internet. A Anistia menciona principalmente a Arábia Saudita, o Irã, a China, a Síria, a Tunísia e o Vietnã.

Amnesty International lança uma campanha global contra a repressão da Internet

Depois do êxito do lançamento de sua campanha pela liberdade da Internet no Reino Unido, a Amnesty International estendeu hoje, 20 de julho de 2006, a iniciativa a todo o mundo com **irrepressible.info**. Esta campanha tem como objetivo recuperar a rede como força para a mudança perante a crescente disposição das companhias de tecnologia em ajudar na censura e na repressão.

Do o Irã até as Maldivas, de Cuba até o Vietnã, os governos reprimem as pessoas que usam a Internet para comunicar suas opiniões e negam a seus cidadãos o acesso a abundância de informação da rede. Usuários da rede são encarcerados, lan houses fechados, a polícia vigia os *chat rooms*, e blogs são apagados. Sites são bloqueados, notícias do exterior são proibidas, e os motores de busca filtram os resultados sobre matérias politicamente delicadas.

"A Internet pode ser uma ferramenta extraordinária para a promoção dos direitos humanos: os ativistas podem contar ao mundo os abusos que são cometidos em seu país com apenas um clique no mouse. As pessoas podem ter acesso em um grau sem precedentes à informação de uma ampla variedade de fontes", afirmou a Amnesty International.

"Mas o potencial da Internet para gerar esta mudança está sendo socavado por governos que não estão dispostos a tolerar este meio de comunicação livre, bem como por empresas que estão dispostas a ajudá-los a reprimir a liberdade de expressão".

Sun Microsystems, Nortel Networks, Cisco Systems, Yahoo! e Google são algumas das companhias que ajudam os governos a censurar a Internet ou a localizar usuários individuais. Em 2004, a Microsoft cedeu às autoridades israelenses informações sobre o ativista anti-nuclear Mordechai Vanunu, sem conhecimento nem consentimento deste. Os dados foram utilizados para processar Vanunu por manter contatos com meios de comunicação estrangeiros.

"Fazemos um apelo aos usuários da Internet de todo o mundo para que entrem em <http://irrepressible.info> e assinem o compromisso que pede a todos os governos e empresas que respeitem a liberdade na Internet", disse a Amnesty International. "As companhias de Internet afirmam freqüentemente que são eticamente responsáveis; estes compromissos mostrarão como sua cooperação na repressão as expõe a converterem-se em cúmplices dos abusos contra os direitos humanos e prejudica sua credibilidade."

Os compromissos em linha serão recopilados e apresentados em uma reunião importante da ONU sobre o futuro da Internet em novembro de 2006.

Coincidindo com o lançamento da campanha internacional, a Amnesty International publica um informe sobre o papel do Yahoo!, Microsoft e Google na repressão da Internet na China. Considera-se que o aparato repressivo da Internet está mais avançado na China que em outros países, e as empresas se mostram especialmente dispostas a cooperar com o governo chinês.

Notas para os encarregados de imprensa

O site web da campanha pode ser encontrado em árabe, espanhol, francês e inglês em <http://irrepressible.info>.

O informe, *Undermining freedom of expression in China*, pode ser consultado em <http://web.amnesty.org/library/Index/ENGPOL300262006>

As autoridades israelenses haviam proibido Mordechai Vanunu de manter contato com meios de comunicação estrangeiros. Esta proibição, que constitui em si mesma uma violação de direitos humanos, acaba de ser prorrogada por mais um ano. Embora o juiz do processo em curso contra Vanunu já tenha concordado em não utilizar a informação fornecida pela Microsoft, os dados estão com as autoridades israelenses e poderiam ser utilizados para continuar restringindo sua liberdade e hostilizá-lo.

A INTERNET E OS DIREITOS HUMANOS

A Amnesty International teve início há 45 anos com uma carta enviada a um jornal. Hoje, provavelmente, seria uma mensagem no correio eletrônico. O efeito da Internet no mundo e na sociedade é imenso. Nunca antes tantas pessoas obtiveram semelhante acesso à informação em todo mundo, e muito menos chegaram a uma audiência internacional tão extensa.

A comunicação é fundamental para o trabalho da Amnesty International e, por esta razão, a Internet é muito importante para nós. O aumento da popularidade da comunicação via Internet nos últimos 10 anos mudou completamente nossa forma de trabalhar. Por intermédio de nossa página web podemos nos comunicar diretamente com o público, distribuir simultaneamente nosso material entre as organizações e meios de comunicação do mundo inteiro, nos comunicarmos com organizações não governamentais em todo o planeta que, graças à rede, podem nos informar em tempo oportuno das violações de direitos humanos cometidas em seus países. Atualmente, temos acesso a informações e testemunhos de pessoas que antes, talvez, jamais alcançaríamos.

O desenvolvimento das aplicações da Internet, como os blogs, proporciona aos defensores de direitos humanos um caminho para distribuir suas mensagens pelo mundo. Há cinco ou seis anos atrás, isto começava a impactar países, como a China e o Irã, com um péssimo histórico de direitos humanos e liberdade de expressão. Os ativistas se depararam, de um momento para outro, com um mecanismo que poderiam utilizar para informar o mundo sobre os abusos que se cometiam em seus países, com um simples clique do mouse.

Porém, não demorou aos governos se darem conta do que ocorria, e se dedicarem a controlar e censurar a informação que circulava pela rede. Os países possuidores de um rígido controle dos meios de comunicação tradicionais não estavam dispostos a tolerar um novo sistema livre.

Então começaram a deter as pessoas identificadas como os autores de mensagens políticas com teor delicado, e prendê-las. Assim, foram encarcerados os usuários da Internet ou tiveram sua liberdade de circulação restringida em países como Tunísia, Israel, Vietnã, Cuba e China. Contudo, a Internet é um mundo espaçoso e muitas vezes anônimo, e estes governos precisaram de ajuda para encontrar e fazer calar estes usuários. Tomaram, assim, como aliadas, empresas que alardeavam ser os paladinos da liberdade de expressão e informação.

Em novembro de 2002, a Amnesty International informou que empresas estrangeiras, como **Websense e Sun Microsystems, Cisco Systems, Nortel Networks e Microsoft** haviam oferecido às autoridades chinesas tecnologia para ajudá-las a censurar a Internet, ao que essas empresas argumentaram que não tinham controle sobre a forma como se organizavam suas equipes. Um porta-voz da Cisco Systems afirmou que “se o governo da China deseja controlar a Internet, é assunto seu. Nós somos em essência politicamente neutros”.

Infelizmente para estas empresas, o fato não é tão simples. A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que “tanto os indivíduos como as instituições” devem se esforçar para promover o respeito e a proteção dos direitos humanos para todos. As empresas têm o dever de não cooperar com governos para violarem os direitos humanos. A situação não melhorou desde 2002 e más empresas de Internet abdicaram de sua ética para atingir segmentos lucrativos no mercado. No ano passado, a Microsoft lançou um portal na China que bloqueava automaticamente palavras como “liberdade” nos textos dos blogs.

Este ano, o Google lançou um mecanismo de busca em chinês que permite a autocensura. No ano passado descobriu-se que o Yahoo havia revelado às autoridades chinesas detalhes da conta do correio eletrônico do jornalista Shi Tao, o que contribuiu para o processo que resultou em sua condenação a 10 anos de prisão. Posteriormente, outros casos de cooperação da Yahoo com as autoridades chinesas se tornaram conhecidos.

Soube-se, também, que em 2004 a Microsoft forneceu às autoridades israelenses informação confidencial sobre o uso da Internet por parte do ativista antinuclear Mordechai Vanunu, sem conhecimento e nem consentimento deste. As informações utilizadas em princípio para processar Vanunu se referiam a contatos com os meios de comunicação estrangeiros. Embora o juiz do processo em curso contra Vanunu tenha rejeitado a utilização da informação fornecida pela Microsoft, os dados poderiam ser empregados para hostilizá-lo.

A influência da China e seus recursos técnicos estão se estendendo para outros países como Zimbábue, Cuba e Bielorrússia, mas, paralelamente, se estende, também, a pressão sobre estes países e sobre as empresas que com eles colaboram.

Milhares de pessoas têm afirmado o compromisso sobre “liberdade de expressão e informação” no site <http://irrepressible.info/> página web da campanha da Amnesty International. Os Estados Unidos estão abrindo um caminho através do mecanismo político do país, de um projeto de lei do Congresso que impõe novas obrigações estritas a empresas de tecnologia norte-americana e suas relações comerciais com “países restritivos à Internet”, como a China. As organizações de meios de comunicação e ativistas do mundo inteiro têm expressado francamente suas críticas às ações destas empresas.

Apesar de estarem elaborando normas para as empresas no âmbito dos direitos humanos, ainda não há uma legislação internacional vinculante que defina as responsabilidades das empresas multinacionais em relação com os direitos humanos. Assim sendo, no momento está nas mãos da opinião pública que empresas como Yahoo, Microsoft e Google respondam pelos seus atos. O

negócio dessas empresas depende de que o público use maciçamente seus serviços. Seu valor na bolsa sempre é vulnerável à publicidade negativa. Quanto mais pessoas se unirem nesta campanha, mais estas empresas compreenderão que cooperar com abusos contra os direitos humanos não é apenas eticamente incorreto, mas que também se tornarão cúmplices das violações de direitos humanos, o que afetará negativamente sua conta de resultados.